

# A gestão da Baía de Todos os Santos

*Ronan R. C. de Brito\**

A Baía de Todos os Santos, diferentemente do que se alardeia por aí, ainda é um corpo d'água que reúne os maiores atributos ambientais ainda preservados do litoral brasileiro onde se implantaram aglomerados urbanos.

Seja pela sua história, que deixou marcas profundas na cultura brasileira e em particular na baiana, seja pela exuberância de paisagem em seus recantos ou pelo potencial pesqueiro que existe em suas porções estuarinas. A Baía, longe de ser uma área profundamente degradada, ainda é um depositário de recursos para o desenvolvimento dessa parte especial da Região Metropolitana de Salvador.

Obviamente que existem focos pontuais de risco ambiental, como na sua parte norte e nordeste, onde se encontram o complexo petrolífero e o complexo industrial do CIA e também nas franjas que tangenciam as cidades e vilarejos.

Esses focos, no entanto, não inviabilizam de imediato o disparo de um grande projeto metropolitano para que a Baía de Todos os Santos possa retomar a importância que teve na construção da economia e na cultura do povo brasileiro.

A Baía pode ser entendida como um grande complexo estuarino que recebe contribuições significativas de rios do porte do Paraguaçu, Subaé, Jaguaripe, e da Dona. Isso, sem se falar dos inúmeros tributários de menor porte que deságuam no seu interior.

Pela porção leste, a Baía banha a cidade do Salvador, que define uma área especial onde existe o maior aglomerado urbano de todo o sistema. A nordeste, fica outro complexo interno formado pela Baía

de Aratu e Ilha de Maré, onde ainda se pode contemplar uma paisagem híbrida formada pela silhueta da indústria em contraste com um dos recantos mais bucólicos de toda a área, que é a Enseada do Caboto, que pouco deve ter mudado desde os primeiros olhares dos nossos antepassados, moradores dos antigos engenhos, sejam os senhores, sejam os escravos.

Mais ao norte, a paisagem muda drasticamente, devido ao enorme complexo de refino e traslado de petróleo, com suas chaminés competindo em forma e função com as antigas palmeiras trazidas nos tempos do Império.

Não é também difícil de se ver o contraste desproporcional de uma canoa com vela de traquete singrando ao lado de um enorme petroleiro, que após ter navegado pelo Golfo Pérsico, Oceano Índico e Atlântico, vem vender o seu óleo para as refinarias da Petrobrás.

A noroeste ficam São Francisco do Conde e seu povoado, São Bento das Lajes (aquele da Escola Agrônômica em ruínas), São Brás, Acupe (distrito de Santo Amaro), Saubara e seus distritos, Cabuçu e Bom Jesus dos Pobres e a magnífica enseada de Montecristo.

Todas exuberantes – algumas, ancoradas no tempo, com as construções coloniais em ruínas, e outras, pululantes de veranistas e freqüentadores de fins de semana, mas maltratadas por uma urbanização incoseqüente e precipitada. No entanto, continuam todas lindas, não conseguiram ainda destruir as suas almas.

A oeste, a Barra e São Roque do Paraguaçu (distritos de Maragogipe), São Francisco e Santiago do Iguape (distrito de Cachoeira), com seus monumentos magníficos e suas deliciosas moquecas de ostras.

Mais acima do rio, vem a sede de Maragogipe, recostado confortavelmente no lagamar do Iguape, com seus charutos de torcida, as mantinhas de carne de porco defumada e os poucos saveiros de vela de içar que sobraram.

Mais acima ainda, Coqueiros e Nagé (distritos de Maragogipe) e as sedes municipais de Cachoeira e São Félix.

Saindo do Rio para sudoeste, encontramos Conceição de Salinas, o município de Salinas da Margarida; Encarnação, Pirajuía, Cações, Mutá e todos os vilarejos da contracosta da Ilha de Itaparica até chegar em Jeribatuba, Catu e, finalmente, em Cacha-Pregos.

Toda uma região belíssima, rica em manguezais, pores-de-sol, pescadores, marisqueiras, mangas, caju, munzuás, camboas, canoas, sururus, papa-fumos, unhas-de-moça, preguaris, tainhas, robalos, mulatas, mulatos, brancos-quase-mulatos e mulatos-quase-brancos.

E Itaparica? Com os veranistas sentados em cadeiras de lona, conversando na porta das casas enquanto o vento fresco sopra ao longo do Boulevard?

E o lado oceânico da Ilha? Mar Grande, Amoreiras, Barra do Pote, Barra do Gil, e todas as outras inúmeras enseadas que se sucedem em curvas e mais curvas, já pintadas no início do século passado pelos mestres impressionistas Presciliano Silva, Valença, Mendonça Filho e, posteriormente, Diógenes Rebouças, e nunca mais retratadas com tanto vigor e emoção?

É o Recôncavo! Vivo! Que ainda se vê generoso e polimorfo nos desembarques e vai-e-vens do *Ferry Boat*, com as mulheres carregadas de mariscos equilibrando os isopores nas cabeças, os caboclos de calças vincadas, chapéus de feltro preto, os balaios de manga, as alfaces, as cebolinhas, o coentro, a salsa, os bolos de puba e os mingaus de milho e tapioca.

Agora, o que fazer com tudo isso? A quem cabe cuidar de todas estas belezas e de todo este povo?

Terá o Governo do Estado o fôlego suficiente para compreender essa diversidade de gente, plantas e bichos? Terão os municípios da borda da Baía autoridade para, juntos, edificarem um plano maior? Para que, ao mesmo tempo, se desenvolvam e resgatem os seus valores culturais, preservando o ambiente riquíssimo que ainda está preservado?

Ou estaremos testemunhando, mais uma vez, a

chegada inexorável do capital concentrador de riquezas que investiga, debulha, privatiza, transformando paraísos naturais em resorts sofisticados e marinas particulares, onde o homem simples do Recôncavo, vendendo beijus de goma e pamonhas em palhas de bananas será mais uma parte do cenário a ser fotografado pelos turistas?

Certamente que isso não é o que o Recôncavo precisa.

O que é preciso na Baía de Todos os Santos sim, é um grande Projeto Metropolitano, corajoso, que

considere todos esses aspectos da cultura e do ambiente e que reanime a economia regional sem a inconseqüência de apostar no turismo de elite como única solução salvadora.

O potencial náutico e turístico da Baía é inquestionável; contudo, é preciso que limpemos as lentes embaçadas dos nossos óculos para podermos enxergar que ali também vive um povo que certamente continuará sem grandes perspectivas, mesmo com a chegada de um turismo classe A. Continuarão sempre empregados dos hoteleiros, ganhando uns míseros salários mínimos para arrumar os quartos dos hotéis de luxo ou vendendo bugigangas nas ruas de Itaparica ou Cachoeira.

Onde estão os planos de desenvolvimento para revigorar os estuários do Jaguaripe, Paraguaçu e Subaé? Onde andam os programas de assentamento nas imensas áreas marginais ao longo desses rios para produzirem bens agrícolas concentrados em cooperativas de alta tecnologia produtiva?

E a maricultura sustentável e cooperativada, para distribuir riquezas para as vilas de pescadores ao invés de privilegiar uns poucos investidores capitalistas?

**O que é preciso na Baía de Todos os Santos é um grande Projeto Metropolitano, corajoso, que considere todos esses aspectos da cultura e do ambiente e que reanime a economia regional sem a inconseqüência de apostar no turismo de elite como única solução salvadora.**

Onde andam os programas para a revitalização do tráfego de mercadorias pela Baía de Todos os Santos, para conduzir esses produtos para uma grande Feira do Recôncavo, que poderia ser implantada no Subúrbio Ferroviário de Salvador e abastecer essa parte da cidade onde reside a maioria da população, que tanto insistimos em não reconhecer?

Onde andam os programas para o desenvolvimento de modernas tecnologias de construção naval, usando madeiras estruturadas de reflorestamentos energéticos, para resgatar esta tradição secular em todo o Recôncavo e assegurar o transporte de cargas a baixíssimo custo, preservando a madeira que ainda resta sem a fantasia de querer ressuscitar o velho saveiro nos seus moldes construtivos tradicionais?

E cadê o Museu do Saveiro, que deveria ser criado para, aí sim, preservar a sua memória construtiva, para daqui a 40 anos, quando as matas do Recôncavo forem recuperadas, podermos novamente navegar nas lanchas rabos-de-peixe, nos traquetes e nos paneirinhos de Encarnação?

E o programa de revitalização do Comércio de Salvador, limpando da face da terra, para sempre, os antiquados e obsoletos armazéns para descortinar ao povo um dos cenários mais espetaculares de toda a cidade? Criando na Av. da França uma grande *promenade* sem obstruções construtivas pelo lado do mar, entre a Praça Cairu e o atual depósito de *containers*, que poderia, este, dar lugar ao Me-

morial do Recôncavo com centros de exposição e conferências, bibliotecas, anfiteatros, Museu do Saveiro e tudo o que trouxesse para as novas gerações a memória cultural desta região?

Foi criada recentemente a APA da Baía de Todos os Santos, unidade de conservação que tem a finalidade de ordenar o uso dos recursos ambientais de toda a área. Atitude correta.

Essa APA, no entanto, poderá vir a ser gerenciada por uma organização não-governamental, procedimento adotado pelo Governo do Estado, para amplificar o seu poder de fiscalização e monitoramento do Plano de Manejo.

Sendo assim, é preciso dar visibilidade a todo o processo. Quem gerencia uma APA, tem acesso a todas as informações, sejam elas de caráter ecológico, econômico, social ou cultural. A sociedade precisa estar também a par dessas informações para poder opinar sobre os planos e programas – e questioná-los – porventura oriundos desse Plano de Manejo.

A Universidade Federal da Bahia é a maior agremiação de pesquisadores do estado, contendo certamente o maior acervo de estudos sobre a Baía de Todos os Santos.

É preciso que a UFBA se mobilize para garantir um lugar no Conselho de Gestão da APA da Baía de Todos os Santos. Além de sua função de repasse de informações para a sociedade, ela teria muito a colaborar com todo o seu potencial de conhecimento sobre o assunto.

**Quem gerencia uma APA, tem acesso a todas as informações, sejam elas de caráter ecológico, econômico, social ou cultural. A sociedade precisa estar também a par dessas informações para poder opinar sobre os planos e programas – e questioná-los – porventura oriundos desse Plano de Manejo.**

\*Ronan R. C. de Brito é professor do Instituto de Biologia da UFBA na disciplina Administração de Recursos Ambientais  
E-mail: ronan@e-net.com.br.